

AULA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O ESPAÇO MULTIFUNCIONAL RURAL

CLASS FIELD IN TEACHING OF GEOGRAPHY: THE MULTIFUNCTIONAL RURAL AREA

Ucleber Gomes Costa

Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) -
Unidade de Glória de Dourados.

Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

uclebergomes@gmail.com

RESUMO

O trabalho de campo é uma prática pedagógica muito antiga no ensino de Geografia e que nunca deixou de ser praticada pelos professores em nenhum dos níveis de ensino, seja no nível básico ou no superior. A aula de campo é muito importante para o aluno, pois facilita a compreensão dos processos sócios ambientais e suas alterações através da observação das paisagens. Quase sempre as práticas no meio rural são insustentáveis principalmente na produção de monocultura, e, raramente, a sociedade conhece alternativas de uma produção que consiga conciliar desenvolvimento econômico e ambiental de forma a agredir menos o meio ambiente. Por isso, a conscientização é imprescindível para se pensar uma sociedade que zele pelos recursos naturais e pela biodiversidade e também que atenda as necessidades humanas principalmente, é claro, para não mascarar o desenvolvimento e a apropriação desigual. A Escola tem um papel relevante nesse processo de promover essa conscientização, assim, uma das disciplinas que pode ajudar nessa transformação é a Geografia, visto que estuda o espaço e suas transformações além de ter o objetivo de formar cidadãos por meio do ensino. Este trabalho faz parte de uma aula de campo no sítio Santa Cecília na 5ª linha do Município de Glória de Dourados que produz café orgânico, banana, etc., foi realizado com os alunos do 1º Ano C, 3º Ano B do Ensino Médio e da 1ª e 2ª Fase da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio da Escola Estadual Jonas Belarmino da Silva do Distrito de Culturama-MS, com objetivos de promover aos alunos um conhecimento crítico e mostrar na prática a possibilidade de um desenvolvimento sustentável por ações alternativas menos agressivas ao meio rural, e também levar a reflexão dos alunos a produção do espaço nos moldes atuais e discutir os princípios do desenvolvimento sustentável, além de promover a interação entre alunos e produtor rural.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia; Aula de Campo; Produção Alternativa; Desenvolvimento Rural Sustentável;

ABSTRACT

Fieldwork is a very ancient pedagogical practice in the teaching of Geography and never ceased to be practiced by teachers in any level of education, whether at the basic level or higher. The class field is very important for the student, because it facilitates the understanding of environmental processes and their partners by observing changes of scenery. Often practices are unsustainable in rural mainly produced monoculture, and, rarely, the company knows a production alternative that can reconcile economic and environmental development in order to harm the environment less. Therefore, awareness is essential to think about a society that cares natural resources and biodiversity and also that meets human needs primarily, of course, not to mask the development and unequal appropriation. The School has an important role in this process of promoting this awareness, so one of the disciplines that can help in this transformation is geography, since studies the space and its transformations in addition to the goal of educating citizens through education. This work is part of a class field in place Santa Cecilia in the 5th row of the Municipality of Gloria Dourados that produces organic coffee, was conducted with students of 1st Year C, 3rd Year B High School and the 1st and 2nd Phase Education Youth and Adult High School in a State School Jonas Belarmino da Silva District of Culturama-MS, with the goals of promoting students a critical knowledge in practice and show the possibility of

sustainable development for alternative actions less harmful to the rural lead to reflection on the production of space in current patterns and discuss the principles of sustainable development, and to promote interaction between students and farmers.

KEYWORDS: Teaching Geography; Classroom Field; Alternative Production, Sustainable Rural Development;

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma disciplina que preza pela leitura do espaço e suas localizações, ordenamentos, controle e suas relações entre os atores que lhes fazem parte e que por meio disso causam alterações sociais, econômicas, políticas, ambientais, etc. Para capturar o entendimento da face dessa realidade precisamos de estratégias e meios de selecionar, separar, relacionar o que queremos compreender. E quando se trata da prática da docência, onde precisamos construir um conhecimento juntamente com os alunos, fazem-se necessárias diversas manobras para não apenas jogar algo dado, pronto aos alunos, mas que propicie reflexões para eventuais mudanças através de uma prática prazerosa. Para Kaercher (2007, p. 16) “A docência implica autoria, e ela requer sentimentos, emoções; é preciso “desencaixotar” emoções, ser – o que é nada fácil – “eu mesmo”. Implica também um ato de cidadania: dizer sua palavra...” E, uma das práticas capazes de envolver o aluno, é a aula de campo, pois facilita a compreensão dos processos ambientais e suas alterações através da observação das paisagens.

O ensino de geografia se aplicado junto ao cotidiano do aluno, torna-se interessante e de fácil aplicação. Este trabalho faz parte de uma aula de campo aplicada no dia 01/03/2011 no sítio Santa Cecília no qual o seu dono é associado da APOMS - Associação dos Produtores de Orgânicos de Mato Grosso do Sul - na 5ª linha do Município de Glória de Dourados que produz café orgânico, banana etc., foi realizado com os alunos do 1º Ano C, 3º Ano B do Ensino Médio e da 1ª e 2ª Fase da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio da Escola Estadual Jonas Belarmino da Silva do Distrito de Culturama-MS, com objetivos de promover aos alunos um conhecimento crítico e mostrar na prática a possibilidade de um desenvolvimento sustentável por ações alternativas menos agressivas ao meio rural, visto que a maioria praticam a atividade agrícola. E levar a reflexão sobre a produção do espaço nos moldes atuais que se configura em um tipo de desenvolvimento insustentável e que causa muitos danos a economia, ao ambiente e a saúde das pessoas. Também, discutir os princípios do desenvolvimento sustentável, além de promover a interação entre alunos e produtor rural.

A metodologia deu-se nos seguintes passos: primeiramente, foram feitas discussões na sala de aula com respeito às transformações no meio rural. O segundo passo consistiu na aula de campo. Nesta aula de campo, o produtor Olácio ofereceu uma palestra sobre a produção orgânica bem como sua filosofia de produção, mercados, função social, ideologia, associação APOMS, políticas governamentais ao setor, certificação, cultivo, conversão de cultivo: passagem do processo do cultivo convencional ao de orgânico e principalmente suas experiências no setor. Também foi feito no local um passeio em meio à plantação de café orgânico. Posteriormente, foram debatidos e discutidos os dados colhidos pelo professor e pelos alunos em suas respectivas turmas. Por último, o

fechamento ocorreu com um relatório individual ou em dupla por parte dos alunos. Nesta pesquisa o método foi exploratório e empírico. Os materiais gerais utilizados para a coleta dos dados foram os seguintes: pranchetas, resmas, canetas e os materiais humanos: professores e alunos do Ensino Médio Noturno.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A geografia para fazer a leitura do espaço preocupou-se desde o início, pela localização/ordenamento das topologias e do poder, como argumenta Douglas Santos (2002), muito mais agora precisa enxergar essas diferenças entre as geometrias do poder ressaltado por Doreen Massey (2008, p.153), e uma política que leve em conta a produção de políticas local do global aceitando as diferenças de poder de cada lugar respeitando também as condições ambientais. Não de forma impensada, pois o sistema capitalista apropria-se da renda diferencial dos lugares, aquilo que muitos chamam de particular do lugar, o que lhe é singular, o sistema capitalista costuma subordinar essas rendas.

Os espaços ou os lugares pelo sistema capitalista são organizados e utilizados de diversas formas e de diferentes maneiras segundo foi socialmente produzido e, seu “controle” é feito por diversas instituições e atores que os compõe, mas o sistema não é subordinado de forma direta por qualquer um desses, ele mesmo tornou-se o sujeito ao invés de objeto, e agora segundo Massey (2008), é preciso que lhes tomem as rédeas. Seria, e é preciso que haja movimento do local ao global para que novas estruturas ou relações produzam novos movimentos e novos equilíbrios às sociedades atuais. Por isso, temos que nos preocupar com o tipo de desenvolvimento do território local, regional, etc.

E quando se trata de passar isso ao entendimento do aluno, a geografia é fantástica. Para Kaercher (2007, p. 16)

Pensar na importância e na influência do espaço, na fisicidade das coisas e na geograficidade de nossa existência é uma das grandes contribuições que a geografia pode dar. A geografia é (...) uma forma de “lerpensar” filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas têm no nosso dia a dia, porque “olhar as coisas” implica pensar no que os seres humanos pensam delas.

A atividade de campo proporciona ao aluno o contato com o seu objeto de estudo levando-o a modificar o seu olhar, além disso, o professor tem um verdadeiro laboratório ao seu alcance para levantar questões práticas e aguçar a vontade de participação e envolvimento da parte dos alunos, pois são coisas concretas que serão levados para o plano das idéias no nível da abstração. Para Farina e Guadagnin (2007, p. 111):

Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isso, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de geografia, pois permitem ao professor a proposição de questões reais e de importância concreta para os alunos.

Com o objetivo de olhar o cotidiano do lugar e sua ordem, a aula de campo proporciona a possibilidade da reflexão sobre a desordem da ordem, dando ênfase ao inédito, a descoberta, que para Elizabeth Matheus, (2007, p.142): percebe-se a importância de ver o campo como uma construção do sujeito apropriando-se do objeto, reinventando-o e, a partir daí, transformando-o.

Para tentar construir um desenvolvimento alternativo para o local, visto das práticas insustentáveis do modelo atual enfocando aqui o espaço rural, tentamos demonstrar que existem alguns espaços alternativos sim, já sendo explorados em nossa realidade local. Para contextualizar o que estamos querendo dizer, buscamos fundamentação em Wilson (2001 e 2009), que descreve os lugares como monofuncionais ou multifuncionais, além de dar o conceito de comunidades resilientes.

Essa discussão que tem contribuído para um desenvolvimento equilibrado e sustentável do rural nasce da noção do discurso pós-produtivista largamente debatido no Reino Unido com um viés economicista e estruturalista, que para Wilson (2001, p. 78, 79), criticando esse viés purista, trata-se de uma agricultura multifuncional, visto que o espaço rural é heterogêneo e não apenas produtivo ou pós-produtivista, e que tem aplicabilidade noutros países. Na Europa, os governos têm classificado os espaços menos produtivos de pós-produtivistas e aplicam políticas ambientais com subsídios para as pessoas que vivem ali, mas em tempos de crises, os Estados têm dificuldades de manter esse modelo, porém é plausível a concentração de investimentos em áreas mais produtivas para o abastecimento alimentar das populações. Assim trata-se de uma política não apenas pós-produtivistas, mas também produtivista o que se faz necessário uma nova nomenclatura, que Wilson (2001) a chamou de agricultura multifuncional.

Na América Latina o pacote tecnológico é extremamente exigido, porém os pequenos produtores possuem poucos subsídios ainda, e no caso do Brasil, conhecemos muito as políticas produtivistas e pouco das políticas multifuncionais, se é que elas existem. Além disso, não basta nomear espaços de multifuncionais sem analisar a qualidade desses. Existe uma relação entre espaços mais voltados ao produtivismo e outros de características mais pós-produtivista no rural, entre esse paradoxo, esconde-se a qualidade desses espaços, de como suas populações vivem (WILSON 2009). Wilson (2009), trabalha com o conceito de comunidades rurais resilientes, para caracterizar as comunidades que possuem alto grau de capacidade de se recuperar dos impactos sofridos nas dimensões sociais, ambientais e econômicas, voltando ao pleno funcionamento do sistema. Para que haja uma multifuncionalidade forte dos espaços rurais, há de se considerar o entrelaçamento do capital social, ambiental e econômico. Para Wilson (2009, p. 366):

Como um primeiro passo na construção de um modelo conceitual de qualidade multifuncional, pode-se argumentar que a resiliência das comunidades rurais são caracterizadas por um bem desenvolvido capital econômico, social e ambiental (tradução livre do autor).

É a superposição do capital econômico, social e ambiental que dá a característica de uma multifuncionalidade do rural e de uma comunidade rural resiliente, fugindo da monofuncionalidade, porém é perigosa uma grande dependência entre eles, pois pode causar um desequilíbrio quando um

Revista Eletrônica Georaguaia. Barra do Garças-MT. V 3, n.1, p 174 - 183. Janeiro/julho. 2013.

ou outro sofrer alguma alteração desagradável por meio de alguma crise, portanto, não é a dependência entre os três capitais que dá a característica de uma comunidade resiliente, mas a qualidade da forte multifuncionalidade bem equilibrada.

Para que haja um desenvolvimento rural sustentável, não se pode esquecer a imbricação dos processos econômicos, sociais e ambientais. Uma comunidade resiliente, nos termos aqui discutidos, seria o modelo ideal de uma comunidade rural sustentável. Também não se pode esquecer das relações escalares dos lugares, desde o plano global ao local e os papéis de seus atores.

A proposta aqui de desenvolvimento rural sustentável resume-se ao aproveitamento da multifuncionalidade dos lugares e na busca da resiliência das comunidades. Um alerta aos planejadores é de respeitarem os capitais econômicos, sociais e ambientais das comunidades rurais, e que observem os princípios já discutidos nas Conferências Mundiais, ainda que não seja possível considerá-los todos, por particularidades locais, porém, apontam um bom rumo, para composição de uma comunidade rural resiliente.

Como relembra Cooper e Vargas (2004), alguns princípios vêm sendo discutidos durante as Conferências Mundiais como: o Princípio da Mudança, que almeja um desenvolvimento mais sustentável; o Princípio Ambiental tem como foco preservar os recursos ambientais na medida do possível e restaurar áreas degradadas para torná-las úteis a sociedade; o princípio da Integração e Equilíbrio, ação planejada entre preservação do ambiente, desenvolvimento social e econômico; o princípio Centrado no Ser Humano, que considera os impactos de ações planejadas sobre as comunidades afetadas; o Direito ao Desenvolvimento, mas com uma obrigação de respeito mútuo; Princípio da equidade Intergeracional e Intrageracional, considera o cálculo de uma ação planejada se afetará ou não as gerações futuras para melhor, se diminuirá injustiças a grupos desfavorecidos; o Princípio da Igualdade pretende atender a todos, até os grupos que antes estavam excluídos; o Princípio da Descentralização tem que envolver as jurisdições locais onde seus governos tomem decisões por participar; Princípio da Parceria contempla o desenvolvimento pautado nas relações em oposição à ação única e responsabilidade única; o Princípio da Transparência e da Responsabilidade cria mecanismos de transparência com uma ação planejada nas prestações de contas; o Princípio da Família considera a família e seu estilo de vida;

Outros princípios importantes também são o Princípio da Comunidade Habitável, que visa melhorar as ações planejadas para trazer uma melhor qualidade de vida a comunidade; o Princípio da Educação, visa formar pessoas para a vida dando suporte ao desenvolvimento sustentável e também mecanismos de avaliação de ensino; o Princípio da Saúde e do Bem-Estar, qualidade na saúde e participação da comunidade sobre o planejamento das ações sobre saúde; o Princípio da Erradicação da Pobreza, a visa uma ação planejada para beneficiar os mais pobres; o Princípio da Sensibilidade e da Cultura, ações culturalmente apropriadas e aprendizagem de culturas com maior equilíbrio no desenvolvimento; o Princípio do Âmbito e Dimensão da Riqueza, analisa se a comunidade possui recursos suficientes ou se é necessário investimento externo, e pretende deixar claro o motivo da causa da necessidade de financiamento externo; o Princípio do Mercado que considera aspectos sociais e

ambientais do desenvolvimento sustentável, e visa criar ferramentas úteis para ação de políticas específicas de mercado; o Princípio do Estado de Direito que avalia programas ou projetos do desenvolvimento sustentável, e objetiva oferecer mecanismos adequados para resolver litígios de acordo com princípios legítimos.

Para que cada princípio desses seja colocado em prática, faz-se necessário um questionamento profundo sobre esses e de suas possibilidades de instalarem-se na comunidade e também algumas propostas de ações voltadas ao benefício dos mais pobres, nesse sentido os autores que trabalham nessa perspectiva ambiental sustentável tem objetivos de se chegar ao desenvolvimento equilibrado e sustentável.

CONTEXTUALIZAÇÃO E RELATO

O produtor mora no sítio desde 1965 quando sua família conseguiu essa propriedade fruto de concessão por parte da CAND - Colônia Agrícola Nacional de Dourados – e desde então, praticavam agricultura convencional, mas por problemas ambientais e econômicos, começou a praticar a agricultura orgânica nos anos de 1990. Atualmente a propriedade corresponde a 30 alqueires, sendo 3 destinados ao cultivo de café orgânico. Além dessa atividade nas quais outras plantas são consorciadas, pratica-se a produção leiteira de bovino.

Começamos a atividade as 7: 38 horas de frente da Escola Jonas Belarmino da Silva de Culturama quando saímos de ônibus com um número de 22 alunos. Por se tratar de uma região extremamente agrícola, durante o percurso de aproximadamente 40 quilômetros até chegar ao sítio Santa Cecília na 5ª linha município de Glória de Dourados saída para Deodópolis, foi possível já comentarmos sobre as práticas agrícolas desenvolvidas. Muita plantação de soja foi visualizada. Isso serviu como base para um comparativo com a atividade agrícola desenvolvida no sítio Santa Cecília, visto que nas plantações de soja não existe uma abundância de vida, ao contrário da plantação de café orgânico, pois é cultivado conjuntamente com árvores e bananeiras, como se pode ver na foto 01.

Foto- 01. Plantação de café orgânico junto a bananeiras e árvores



Foto: Katielen dos Santos

Além de aproveitar o espaço entre as leiras do cafezal e assim obter mais produção, as bananeiras e as árvores têm o papel de adubar o solo com as folhas e galhos que caem naturalmente ou por meio da poda. Segundo o proprietário, é feita uma poda por ano dos galhos das árvores. Podemos observar que o produtor teve o cuidado de deixar o solo protegido nos locais onde não existe plantação de café com plantação de grama evitando a erosão do solo, visto que o solo é arenoso.

Ao chegarmos as 8:15 horas, fomos recebidos com uma palestra da parte do proprietário (ver foto 02), na qual dissertou a cerca da produção orgânica bem como sua filosofia, mercados, função social, associação APOMS, políticas ao setor, certificação, cultivo, conversão de cultivo: passagem do processo do cultivo convencional ao de orgânico e principalmente suas experiências no setor. Surgiram algumas indagações da parte dos alunos.

Foto- 02. Momento da palestra



Foto: Katielen dos Santos

Após a palestra nos direcionamos a plantação de café para observar como estava o cultivo. O que pesou muito positivamente nesse fato é que nunca nenhum dos alunos tinha entrado numa lavoura de orgânicos, e alguns não sabiam o que era uma agricultura orgânica. Além disso, o estranhamento de alguns por verem o cultivo sendo feito com árvores causando sombra sobre o cafezal. Segundo Olácio Komori (2011), “o café no seu habitat natural no Continente Africano convivia juntamente com a floresta”.

Foto- 03. Dirigindo-nos ao cafezal.



Foto: Katielen dos Santos

Já no cafezal, o proprietário informou-nos que entre uma parte do sítio onde se pratica outra atividade e o café orgânico, existe uma mata que serve para contenção e também para criar predadores naturais para o controle biológico de pragas na plantação. Outra informação importante que nos concedeu o produtor, é que esse tipo de produção com sombra das árvores é que se dá uma regularidade das produções entre os anos, sendo que no plantio convencional sempre em um ano se tem uma superprodução e no outro ano uma baixa produção.

Depois de andarmos no cafezal, nos dirigimos ao local de beneficiamento do café, onde existe uma pequena máquina e um calçadão para o beneficiamento. Também, o próprio agricultor e sua família após torrar o café, embalam e vendem na feira das cidades de Glória de Dourados e Deodápolis evitando o comércio com atravessadores. Para agregar valor ao produto, a família fabrica artesanalmente uma espécie de suporte para os pacotes de café, como pode ser visto na foto 04.

Foto-04. Cesta artesanal



Foto: João Batista Alves de Souza Agosto/2007

Esse é um modelo de produção alternativa que consideramos ser não produtivista, pois destoa da produção convencional, agredindo menos o meio ambiente e também que possui certa resiliência, visto que segundo o proprietário a situação vem melhorando depois que passou a praticar a agricultura orgânica, e também existe certa diversificação da produção no sítio. Terminado essa parte nos regressamos a Culturama chegando as 11:00 horas. Na aula subsequente os alunos fizeram um relatório da aula de campo.

CONCLUSÕES

Concluimos que a aula de campo é uma das práticas essenciais para o ensino de geografia, pois podemos perceber o envolvimento dos alunos durante essa aula. Também que o professor encontra na aula de campo um ambiente riquíssimo para pesquisar juntamente com os alunos.

Consideramos que a produção de café orgânico no sítio Santa Cecília é familiar e que apresenta certa resiliência, com um adequado capital econômico, social e ambiental. É uma produção sustentável tanto ambientalmente quanto econômica, pois suas práticas buscam conciliar a atividade ambiental, econômica familiar e comercial.

Entendemos que esse sítio apresenta uma agricultura multifuncional, pois desenvolve diversas atividades ao mesmo tempo, e que não serve como um único modelo de desenvolvimento, mas oferece já, e com positividade uma saída alternativa aos pequenos produtores rurais que se encontram decadente visto do modelo insustentável, econômico e ambientalmente.

Assim, os alunos tiveram a possibilidade de conhecer uma produção alternativa diferente das práticas agrícolas insustentáveis totalmente vinculadas aos interesses capitalistas por meio das monoculturas que tem causado danos enormes à natureza, desde erosões à intoxicação de seres humanos e demais animais.

Também consideramos que é pelo conhecer, discutir e refletir que vem a conscientização, mas que além da consciência precisamos mostrar na prática maneiras de aplicar o conhecimento e, essa aula com certeza teve esse potencial, visto que a maioria dos estudantes pratica a atividade agrícola convencional, mas que agora conhecem um modelo alternativo de produção e pode também praticá-la ou repassarem esse conhecimento aos seus familiares e amigos.

REFERÊNCIAS

- COOPER, P. J.; VARGAS, C. M. The Principles of Sustainable Development: Global Common Commitments (Chapter Two) IN: **Implementing Sustainable Development: From Global Policy to Local Action**. United States of America: Rowman & Littlefield, 2004, p.21-75.
- FARINA, B. C.; GUADAGNIN, F. Atividades práticas como elementos de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática. IN: **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. (Org.) REGO, N; CASTRIGIOVANNI, A. C. e KAERCHER, N. A. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- KAERCHER, N. A. Práticas geográficas para lerpensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. IN: **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. (Org.) REGO, N.; CASTRIGIOVANNI, A. C. e KAERCHER, N. A. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SANTOS, D. **A reinvenção do espaço: diálogo em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda P. M. e de Rogério H. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MATHEUS, E. H. C. O que há por trás de uma panela? Uma atividade de campo como trajetória a um olhar geográfico. IN: **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. (Org.) REGO, Nelson; CASTRIGIOVANNI, A. C. e KAERCHER, N. A. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- WILSON, G. A. From Productivism to Post-Productivism... and Back again? Exploring the (Un)changed Natural and Mental Landscapes of European Agriculture. **Transactions of the Institute of British Geographers**. New Series, Vol. 26, No. 1. p.77-102, 2001.
- WILSON, G. A. Multifunctional 'quality' and rural community resilience. **Transactions of the Institute of British Geographers**. New Series, Vol. 35, p.364-381, 2009.
- KOMORI, O. **Produção de café orgânico**. Glória de Dourados: Sítio Santa Cecília, 01 de Mar. 2011. Palestra ministrada aos alunos da Escola Estadual Jonas Belarmino da Silva de Culturama-MS.

SITE CONSULTADO:

RAS. Rede de Agricultura Sustentável. **Como tornar sua propriedade orgânica? O modelo é a própria natureza.** Diário MS, em 04-02-2004. IN: <http://www.agrisustentavel.com/san/tornar.htm>.

Acesso em: 29/03/2011.

Recebido para publicação em 03/07/2012

Aceito para publicação em 02/04/2013